



"Os anarquistas à Sociedade Geográfica Real..." Cartas de Élisée Reclus e Peter Kropotkin a John Scott Keltie (1882-1917)

Federico Ferretti, Adriano Gonçalves Skoda

► To cite this version:

Federico Ferretti, Adriano Gonçalves Skoda. "Os anarquistas à Sociedade Geográfica Real..." Cartas de Élisée Reclus e Peter Kropotkin a John Scott Keltie (1882-1917). *Revista de História da UEG*, 2014, 3 (1), pp.213-255. hal-01062873

HAL Id: hal-01062873

<https://hal.science/hal-01062873>

Submitted on 10 Sep 2014

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

“Os anarquistas à Sociedade Geográfica Real...” Cartas de Élisée Reclus e Peter Kropotkin a John Scott Keltie (1882-1917)

Federico Ferretti, federico.ferretti@unige.ch

Adriano Gonçalves Skoda, adrianoskoda@gmail.com

Abstract: “‘The Anarchists to the Royal geographical Society...’ Letters from Élisée Reclus and Peter Kropotkin to John Scott Keltie.” We publish for the first time a selection of 24 letters sent by the anarchist geographers Élisée Reclus, and mainly Peter Kropotkin, to the president of the Royal Geographical Society John Scott Keltie between 1882 and 1917, surviving in the archives of the RGS-IBG in London. As we explain in the presentation text, we argue that this source is useful to improve existing knowledge on the anarchist geographers’ network, and particularly to deal with the complex links existing at that time among science, politics and places of production of geographical knowledge.

Keywords: Kropotkin, Reclus, Scott Keltie, Royal Geographical Society, Anarchist Geographers

Résumé: « ‘Les anarchistes à la Société Géographique Royale...’ Lettres d’Élisée Reclus et Pierre Kropotkine à John Scott Keltie. » Nous publions ici pour la première fois une sélection de 24 lettres envoyées par les géographes anarchistes Élisée Reclus, et principalement Pierre Kropotkine, au président de la *Royal Geographical Society* John Scott Keltie entre 1882 et 1917, déposées dans les archives de la RGS-IBG à Londres. Comme nous l’expliquons dans le texte de présentation, nous croyons que cette source est utile pour intégrer les connaissances actuelles sur le réseau des géographes anarchistes, et en particulier pour aborder les complexes relations entre science, politique et lieux de production des savoirs géographique à cette époque.

Mots-clés : Kropotkine, Reclus, Scott Keltie, Royal Geographical Society, Géographes anarchistes

Resumo. Publicamos uma seleção de 24 cartas enviadas pelos geógrafos anarquistas Élisée Reclus e principalmente Pêtr Kropotkin ao presidente da *Royal Geographical Society* John Scott Keltie de 1882 a 1917, conservadas nos arquivos da RGS-IBG em Londres e publicadas

aqui pela primeira vez. Como explicamos no texto de apresentação, acreditamos que essa fonte é útil para integrar os conhecimentos disponíveis até agora sobre a rede dos geógrafos anarquistas, e particularmente para lidar com as complexas relações entre ciência, política e lugares de construção do saber geográfico na época deles.

Palavras Chave: Kropotkin, Reclus, Scott Keltie, Royal Geographical Society, Geógrafos anarquistas

Introdução: contexto da fonte

Como numerosos trabalhos apontam (AVAKUMOVIC e WOODCOCK, 2004; FERRETTI 2011a; KEARNS 2004 e 2009; SKODA 2013) os geógrafos anarquistas Élisée Reclus (1830-1905) e Pëtr Kropotkin (1842-1921) tiveram relações estreitas com a *Royal Geographical Society* de Londres, que lhes recebeu como *fellows* e palestrantes, atribuindo-lhes também prêmios e apoios para iniciativas, como a do Grande Globo projetado por Reclus para a exposição universal de Paris de 1900 (FERRETTI 2014a; MACKINDER *et al.* 1903).

Poder-se-ia insistir com anedotas sobre esta situação aparentemente estranha, como por exemplo em um episódio em que Kropotkin, exilado da Rússia por questões políticas mas que era reconhecido em muitos momentos pelo título de príncipe, uma noite, em um jantar da Sociedade Real, se recusou a brindar à saúde da Rainha Victoria, desculpando-se polidamente utilizando o argumento de não poder fazê-lo por ser anarquista, enquanto no registro oficial do evento se anotou algo como: “O Príncipe Kropotkin não pode brindar à Rainha porque é anarquista...” (AVAKUMIC e WOODCOCK, 2004).

Como já argumentamos (FERRETTI, 2011), estas proximidades explicam-se, de um lado, pela natureza das sociedades de geografia como lugares potencialmente abertos às opiniões e as participações mais heterogêneas, por outro lado por uma estratégia consciente dos geógrafos anarquistas de penetrar todos os meios sociais através do saber. Deste ponto de vista, um importante terreno de encontro entre cientistas libertários e cientistas liberais eram os assuntos sobre a educação pública, laica e científica, na qual a geografia apresentou um papel central (FERRETTI, 2013) e o diálogo entre Reclus, Kropotkin e os membros da RGS foi sempre vivo sobre esses pontos.

Natureza da fonte

No fundo da RGS, as cartas de Reclus para John Scott Keltie (1840-1927) são somente 4, enquanto o fundo Kropotkin é muito mais importante. Sobre as 85 cartas que Kropotkin enviou a Scott Keltie entre 1882 e 1917 (coleção que no entanto parece não ser completa, já que existem anos de interrupção da correspondência durante os quais os autores tiveram razoavelmente contatos), publicamos aqui uma seleção de 20 cartas que nos parecem as mais significativas sobre assuntos como a relação entre geografia e anarquismo, e a atuação comum de Kropotkin e Reclus na redação da *Nova Geografia Universal*.

Essa desenvolve-se em condições materiais muito especiais, como no período da prisão de Kropotkin em Lyon e Clairvaux de 1883 a 1886, e continua nos anos que seguem após o fim das publicações oficiais da NGU, já que Reclus e Kropotkin projetaram juntos um edição mais curta da grande enciclopédia geográfica, que eles propuseram a Keltie publicá-la em inglês. Uma das características principais desta nova edição era que a representatividade da Europa seria ainda mais redimensionada em relação à importância econômica, social e geopolítica em comparação a países extra-europeus como Estados Unidos, China e Japão. Este redimensionamento também se deu graças aos trabalhos de um outro geógrafo e anarquista russo membro da mesma rede que Kropotkin e Reclus, Lèon Metchnikoff (1838-1888), especialista da Ásia Oriental (KONISHI, 2007). A área do Pacífico naquele contexto da globalização era muito valorizada pelos autores, tal percepção antecipava a ideia do século 20, exposta por historiadores mais recentes, como o século do Pacífico (FERRETTI 2011a).

O pretendido “terrorista” encarcerado na França mantinha uma intensa correspondência com o presidente da *Royal Geographical Society*: talvez o caráter carcerário destas cartas fosse um dos tratos mais interessantes delas. A história da prisão de Kropotkin é também indicativo da diferença entre uma mentalidade repressiva e autoritária como a da Terceira República francesa e uma mentalidade liberal como a dos membros da *Royal Geographical Society* ou dos editores Hachette. Se de um lado Kropotkin mantinha contatos com o mundo científico e editorial internacional, do outro o estado francês o prendia sob a acusação de ser o “inspirador” das greves operárias: emblemática é a carta aberta que Reclus enviou ao juiz de Lyon, dizendo que se Kropotkin era detido sob a simples acusação de ser anarquista, então ele também declarava-se culpado do mesmo crime e demandava pagar a mesma pena: “O senhor me indique o lugar, o dia e a hora. Naquele momento, eu virei bater à porta da prisão que o senhor me indicar” (RECLUS, 1911, p. 267).

A primeira parte da correspondência entre Kropotkin e Keltie termina em 1886, quando o russo, liberado depois de mais de três anos de prisão na França, escreve da casa de Elie Reclus (irmão de Élisée) em Paris, onde anuncia sua próxima ida a Inglaterra. A segunda parte começa em 1892, quando Keltie insiste para que Kropotkin tivesse uma *fellowship* oficial na RGS, e se desenvolveu em condições bem diferentes: o Príncipe anarquista, cientista reconhecido internacionalmente, continua a fazer propaganda libertária, mas desde a situação mais confortável dos pequenos *cottages* nas cidades-jardim dos arredores de Londres onde morava com sua companheira Sophia e com sua filha Sacha neste período.

Os anos de interrupção sugerem a existência de outras cartas, que não se encontram nos arquivos públicos ingleses, enquanto as respostas de Keltie a Kropotkin se encontram no GARF de Moscou, mas ainda não tivemos a possibilidade de verificar a completude e a relevância deste fundo.

Conteúdos e importância: ciência e política

Conscientes da utilidade das fontes primárias para a arqueologia do saber (FOUCAULT, 1969) assim como para o estudo da construção material do saber mesmo (MÜLLER, 1994) e finalmente para “por o texto no seu contexto” (LIVINGSTONE, 1992; WITHERS, 2010), podemos afirmar que esta correspondência fornece uma contribuição talvez não decisiva, mas sem dúvida importante para os estudos sobre os geógrafos anarquistas e sua relação com o contexto disciplinar de sua época.

Isso de um ponto de vista ao mesmo tempo científico e político. Com efeito, não obstante, o destinatário das cartas, Scott Keltie, não era um companheiro de militância de Kropotkin, nem mesmo um revolucionário, mas no máximo um liberal (KEARNS, 2004). Algumas das cartas mais longas de Kropotkin para ele abordam temas políticos, com o intuito de explicar-lhe aspectos da teoria anarquista para defender esta ideia das calúnias da imprensa burguesa contemporânea.

É importante lembrar que Keltie exerceu um papel central ao longo de toda a estadia de Kropotkin na Inglaterra. Os primeiros contatos entre ambos ocorreu em 1876 poucos meses após a fuga de Kropotkin da prisão na Rússia. O exilado russo ao desembarcar em terras britânicas se encaminhou a redação do jornal *Nature* a procura de emprego e foi recebido pelo então secretário John Scott Keltie, que lhe contratou como escritor de notas científicas. (KROPOTKIN, 1946)

As correspondências entre ambos apareceriam mais frequentes após alguns anos de contato. Seleccionamos a primeira, de 1882, que concerne a questão da união livre, e uma outra, de 1894, aos atentados cometidos por individualistas franceses.

Kropotkin escreve a Keltie quase como se quisesse fazer propaganda anarquista para ele; sobre a questão da união livre, o geógrafo britânico havia perguntado a Kropotkin se era verdade que Reclus entregara suas filhas como esposas sem sanção institucional nenhuma. Kropotkin explicou que seu amigo não entregara pessoa nenhuma, porque a união livre foi uma escolha dos diversos membros da sua família (RECLUS, 1882), e o Príncipe anarquista lança-se numa veemente defesa desta prática, opondo-lha à corrupção do casamento burguês feito por conveniência, e afirmando que nenhum padre nem prefeito tem direito de legalizar sentimentos.

Isso enquadra-se no contexto de um movimento anarquista que começou muito cedo a ocupar-se dos direitos das mulheres: os irmãos Reclus já na década de 1860 foram ativos na França na Liga para a emancipação da mulher junto com feministas como André Léo (pseudônimo de Léodile Bera-Champseix); algumas das grandes figuras do anarquismo histórico foram mulheres, como Louise Michel, Emma Goldman, ou Lucia Sanchez Saornil (veja-se GOLDMAN, 2009). Alguns testemunhos do respeito quotidiano para com a mulher que tinham militantes como Kropotkin são evidentes nos textos, por exemplo quando o anarquista russo, prisioneiro, insiste para que Sophia se ocupe em terminar os estudos dela em Paris ao invés de “sacrificar-se” por ele mudando para a pequena cidade onde estava preso. Ou nos trabalhos realizados em conjunto com Charlotte Wilson na redação do jornal anarquista *Freedom*, fundado por eles em 1886.

O outro assunto político que Kropotkin aborda com Keltie, os atentados dos individualistas, demonstra o completo distanciamento do circuito de Kropotkin com os atos dos pretendidos anarquistas que se dedicaram na década de 1890, na França, a atacar instituições bancárias e grandes corporações, bem como indivíduos da alta classe, com vários tipos de explosivos, desencadeando uma enorme repressão ao movimento socialista e anarquista que não mantinham vínculos com tal estratégia de ação. Como demonstraram então brilhantemente os representantes do anarquismo comunista e organizador, entre os quais os italianos Errico Malatesta e Luigi Fabbri, estas tendências antissociais eram completamente estrangeiras à linha do movimento anarquista inspirado pela Primeira Internacional, introduziam filósofos do egoísmo burguês como Stirner e Nietzsche que não tinham nada a ver com o socialismo, e

que eram tidos, inclusive para Kropotkin (KROPOTKIN, 1964, p. 200), como “influências burguesas sobre o anarquismo” (FABBRI, 1927). Reclus, como Kropotkin, afirma claramente que estas explosões eram “contra o movimento” (RECLUS, 1925, p. 108, 112, 118) e distingue claramente sua linha em relação a elas. No entanto, é preciso destacar que os geógrafos anarquistas, a diferença de outros como Malatesta (veja-se BERTI, 2003), foram relativamente tímidos na crítica aos individualistas, ao ponto que alguns acreditaram que estes os apoiassem de alguma maneira, por exemplo pela consideração meio justificatória que estes atos eram os frutos de uma sociedade doente. Os limites desta argumentação são evidentes na carta de Kropotkin a Keltie.

De toda maneira, isso confirma a clara ligação entre geografia e política que destaca-se na trajetória dos geógrafos anarquistas. A parte mais “geográfica” desta correspondência confirma o que começaram demonstrar outras fontes da mesma natureza, como a correspondência entre Reclus e Kropotkin conservada nos arquivos de estado da Federação Russa: Kropotkin participou constantemente a todas as investidas de Reclus, desde a *Nova Geografia Universal* até ao projeto de Grande Globo, e viveu durante todas estas décadas de seu trabalho de geógrafo, pago pelo editora Hachette, mesmo no período que se encontrava na prisão. Isso não é de pouca importância, se consideramos que ainda nos anos setenta um crítico lúcido e bem documentado da tradição geográfica, como Milton Santos, teve a intuição da importância da obra de Kropotkin para a geografia, mesmo afirmando que “o príncipe anarquista não foi oficialmente um geógrafo” (SANTOS, 1984 – ed. Fr., p. 20). Simplesmente, antes que as pesquisas dos últimos anos enfatizassem estes aspectos materiais da construção do saber, os geógrafos ignoravam literalmente que Kropotkin fazia precisamente isso como seu trabalho cotidiano, o geógrafo, não ocupando uma cadeira universitária, mas escrevendo obras e artigos bem inseridos na edição geográfica da sua época e na circulação do saber através de sociedades científicas internacionais como a *Royal Geographical Society*.

Aprendemos por exemplo, pela carta de 12 de Fevereiro de 1883, que Kropotkin, prisioneiro em Lyon, pediu para ser transferido para prisão de Paris para poder trabalhar no volume oitavo da *Nova Geografia Universal*, para assim estar mais perto da Hachette e das bibliotecas onde os amigos podiam encontrar livros para lhe emprestar.

Do ponto de vista anedótico, é bastante importante a carta de 29 de Janeiro de 1896, porque Kropotkin cita o projeto de relevo da Escócia organizado por Patrick Geddes como

contribuição ao grande globo de Reclus para a Exposição Universal de Paris, esta é uma parte pouco conhecida deste projeto, cuja única parte realizada foi o relevo da Suíça de Charles Perron (FERRETTI, 2012 e 2014a). A carta nos confirma que este trabalho foi confiado a Georges Guyou (pseudônimo de Paul Reclus, filho de Elie e sobrinho de Élisée, que nestes anos escondia-se em Edimburgo para escapar à polícia francesa) e que Kropotkin está envolvido no projeto, procurando o apoio de personalidades científicas britânicas (como James Geikie) e a ajuda econômica das sociedades geográficas anglo-saxões.

As cartas nos permitem também lidar com várias linhas de pesquisa dos geógrafos anarquistas. A carta de 3 de abril de 1883 nos revela que Reclus e Kropotkin discutiam sobre o futuro da Finlândia como “nação emergente” e que Reclus recomenda ao russo de fazer uma monografia desta nação, que encontrava-se então submetida ao império de Moscou. Este trabalho seria realizado por Kropotkin nos anos seguintes e publicado em 1885, na revista *The Nineteenth Century*, sob o título “Finlândia: uma Nacionalidade Nascente”. Isso confirma o interesse dos geógrafos anarquistas para os processos de libertação nacional então em curso na Europa de Leste e nos Bálcãs, na esperança que eles suscitassem também lutas de libertação social.

Essa tendência pautava-se particularmente no federalismo de Pierre-Joseph Proudhon, e um de seus principais representantes foi Mikhail Dragomanov, colaborador da *Nova Geografia Universal* e partidário da independência da Ucrânia (FERRETTI, 2001b e 2014b). Várias pesquisas começaram nos últimos anos a lidar com a construção das “geografias morais” (LIVINGSTONE, 2005) da identidade e auto-consciência das nações, com enfoque específico sobre o papel exercido pelos geógrafos nesta invenção (HOOSON 1996; WITHERS 2001). Significativo também é o mapa realizado por Reclus em 1905, meses antes de sua morte, dos *Povos de todas as Rússias e outros países submetidos ao Czar* em que Élisée buscava apresentar os laços federalistas que uniam os povos em território russo, e que após a supressão do governo czarista poderiam, na visão do geógrafo, assegurar a liberdade plena a cada pessoa humana de qualquer raça (NETTLAU, 1930, vol. 2, p. 293). Só agora, portanto, está sendo estudada a implicação nestes movimentos dos geógrafos anarquistas, que de um lado aproximam os nacionalismos deste momento do ponto de vista do federalismo e da luta anticolonial (ANDERSON, 2007), e do outro lado fornecem argumentos aos geógrafos que trabalham sobre as mesmas temáticas, como observa Anne Buttimer reportando que Kropotkin era uma das leituras preferidas de Edgar Kant, geógrafo que procurava bases

geomorfológicas para justificar a independência das republicas Bálticas da Rússia (BUTTIMER, 1994).

Um outro dos pontos centrais dos debates desta época de globalização progressiva, entre o fim do século XIX e o começo do século XX, foi a uniformização dos sistemas de referência espaciais e temporais, que se realizou através dos fusos horários e que inspirou também, segundo Peter Galison, a teoria da relatividade de Einstein (GALISON 2003). Reclus e Kropotkin se interessam nesta busca de sistemas de referência universais, aceitando princípios universalistas e apoiando também instrumentos de comunicação como o esperanto língua universal. Em uma carta de 4 de Fevereiro de 1898, Kropotkin recomenda a Keltie, da parte de Reclus, um nomeado Chiri, matemático que queria propor à RGS um sistema de divisão do globo em 240 graus ao invés de 360, para fazer corresponder mais facilmente os cálculos geodéticos aos cálculos horários.

Confirma-se também, finalmente, a importância para Kropotkin de geógrafos como Ritter e seu discípulo russo Semenoff (HOOSON, 1968), que o Príncipe anarquista quer fazer conhecer na Europa Ocidental no âmbito das trocas culturais constantemente estimuladas por seu multilinguismo, isso apesar do claro antagonismo das ideias políticas de Kropotkin e seu conterrâneo.

Conclusão: partindo para Rússia

A última carta datada, o 10 de abril de 1917, diz respeito aos preparativos de Kropotkin, já velho e doente, para regressar a Rússia revolucionária, onde finalmente a ditadura bolchevique acabará por marginaliza-lo e por massacrar todas as oposições de esquerda (VOLIN, 1947). A morte de Kropotkin em 1921 coincide simbolicamente com a repressão da parte de Lenin e Trotsky dos últimos centros de resistência libertária e socialista revolucionária, como os Makhnovistas da Ucrânia e os marinheiros de Kronstadt.

Nestes últimos anos não nos resulta que Kropotkin ainda tenha correspondido com Keltie, mas o dossiê conclui-se com uma pequena nota sem data nem lugar, que lida com a questão da educação geográfica das crianças: isso nos lembra que foi para responder ao inquérito de Keltie sobre o estado do ensino da geografia (KELTIE, 1886) que Kropotkin escreveu um dos textos mais celebres na fundação do movimento da pedagogia libertaria (ROSA DA SILVA, 2013), o artigo *O que a geografia deveria ser* (KROPOTKIN, 2011).

Na ocasião da morte de Kropotkin Scott Keltie assinou o texto do Obituário do geógrafo anarquista para o *Geographical Journal*. O texto ressaltava a biografia e as importantes contribuições do príncipe anarquista para a ciência geográfica bem como lembrava alguns momentos da amizade de Keltie e Kropotkin.

Sem dúvida ao observarmos a extensa amizade de Reclus, Kropotkin e Keltie – principalmente entre estes dois últimos, no caso das cartas aqui apresentadas – verificamos a riqueza das reflexões desenvolvidas pelos geógrafos anarquistas e o permanente trabalho realizado por estes tanto no campo científico quanto no campo militante.

Referências

ANDERSON B. *Under Three Flags: Anarchism and the Anti-Colonial Imagination*. London: Verso, 2007.

AVAKUMOVIC Ivan, WOODCOCK George. *Il Principe Anarchico*. Pescara: Samizdat, 2004.

BERTI Gianpietro. *Errico Malatesta e il movimento anarchico italiano e internazionale, 1872-1932*, Milano, Angeli, 2003.

BUTTIMER A. Edgar Kant and Balto-Skandia: Heimatkunde and Regional Identity. In Hooson David (org.). *Geography and national identity*. Oxford: Blackwell, 1994, pp. 161-183.

FABBRI Luigi. *Influencias burguesas sobre el anarquismo*. Buenos Aires: La Protesta, 1927, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/politica/influencias/caratula_influ.html

FERRETTI F. The correspondence between Élisée Reclus and Pëtr Kropotkin as a source for the history of geography. *Journal of Historical Geography*, 37, 2011a, p. 216-222, <http://dx.doi.org/doi:10.1016/j.jhg.2010.10.001>.

FERRETTI F. Spazi europei: Élisée Reclus e l'invenzione dell'Europa orientale. In CASALENA Maria Pia (org.). *Luoghi d'Europa: Spazio, Genere, Memoria*. Bologna: I Quaderni di Storicamente, 2011b, p. 72-8, <http://www.storicamente.org/quaderni.htm>

FERRETTI F. Cartografia e educação popular. *Terra Brasilis* (Nova Série), 1, 2012, <http://terrabilis.revues.org/164> ; DOI : 10.4000/terrabilis.164.

FERRETTI F. Geografia, educação libertária e escola pública na Europa entre os séculos XIX e XX: um programa de emancipação através do saber. Élisée, *Revista de Geografia da UEG*, n. 2, vol. 2, 2013, p. 9-24, <http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/elisee/article/view/2103>

FERRETTI F. Inventing Italy. Geography, Risorgimento and national imagination: the international circulation of geographical knowledge in the 19th century. *The Geographical Journal*, 2014a, DOI: 10.1111/geoj.12068, early view: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/geoj.12068/abstract>

FERRETTI Federico. *Élisée Reclus: pour une géographie nouvelle*. Paris : CTHS, 2014b.

FOUCAULT Michel. *Archéologie de la connaissance*. Paris: Gallimard, 1969.

GALISON Peter. *Einstein's clocks, Poincaré's maps*. London: Spectre, 2003.

GOLDMAN Emma. *Femminismo e anarchia*. Pisa: BFS, 2009.

HOOSON D. The Development of Geography in Pre-Soviet Russia. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 58, No. 2, 1968, pp. 250-272.

HOOSON David (org.). *Geography and national identity*. Oxford: Blackwell, 1994.

KEARNS G. The political pivot of geography. *The Geographical Journal*, 4, 2004, pp. 337-346.

KEARNS Gerry. *Geopolitics and Empire, the legacy of Halford Mackinder*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.

KONISHI S. Reopening the 'Opening of Japan': a Russian-Japanese Revolutionary Encounter and the Vision of Anarchist Progress. *American Historical Review*, 2007, p. 101-130.

KROPOTKIN P. *A Questão Social: o anarquismo em face da ciência*. São Paulo: Biblioteca Prometheu, 1964

KROPOTKIN P. O que a geografia deveria ser. RECLUS É., KROPOTKIN P. *Escritos sobre Educação e Geografia*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011, p.33-72. (What Geography Ought to Be. *The Nineteenth Century*, 18, 1885, p. 940-956.)

KROPOTKIN P. *Em torno de uma vida: Memórias de um revolucionário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

LIVINGSTONE David. *The geographical tradition*. Oxford: Blackwell, 1992.

LIVINGSTONE D. 'Risen into empire': moral geographies of the American republic. In LIVINGSTONE David, WITHERS Charles (org.) *Geography and revolution*, Chicago: University of Chicago Press, 2005, p. 304-325.

MACKINDER H. J., RAVENSTEIN E. G., HERBERTSON A. J., KROPOTKIN P., ANDREWS M.C., SANDERSON C., RECLUS É. On spherical maps and reliefs: discussion. *The Geographical Journal*, 22, 1903, p. 294-299.

- MÜLLER B. Introduction. In BLOCH Marc, FEBVRE Lucien. Correspondance, vol. I. Paris: Fayard, 1994, p. I-LX.
- RECLUS Élie e Élisée. Unions libres : souvenir du 14 octobre 1882. Paris: Chamerot, 1882.
- RECLUS É. Nouvelle Géographie Universelle. Paris : Hachette, 1876-1894.
- RECLUS É. Correspondance, Vol. II. Paris: Schleicher, 1911.
- RECLUS É., Correspondance, Vol. III. Paris: Costes, 1925.
- ROSA DA SILVA Rodrigo. Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). Tese de doutorado, São Paulo, USP, 2013.
- SANTOS Milton. Pour une géographie nouvelle. Paris: Publisud, 1984 (ed. Fr.).
- SCOTT KELTIE J. Geographical education. Report to the council of the Royal geographical Society. London: J. Murray, 1886.
- SKODA, Adriano. Kropotkin (1842-1921): Histórias fantásticas de um geógrafo anarquista. Dissertação, São Paulo, FFLCH-USP, 2012.
- VOLIN Vsevolod. La révolution inconnue (1917-1921): documentation inédite sur la Révolution russe. Paris: Les Amis de Voline, 1947.
- WITHERS Charles. Geography, science and national identity: Scotland since 1520. Cambridge : Cambridge university press, 2001.
- WITHERS Charles. Geographies of the book. Farnham: Ashgate, 2010.

Nov 1892
with K. campaign in French Press

To the Editors of the Pall Mall
Gazette.

Sir, In the Paris Correspondence
of this morning's paper it is stated
in the authority of the famous
Paris that Prince Kropotkin, in-
stead of being at Thonon in Haute
Savoie is really in London — "safe
in England while his disciples are
being persecuted." If Kropotkin
is in London he must have arrived
within the last three days. But the
truth is that ~~these and~~ this like
other similar statements that have
recently been made as to Kropot-
kin's movements, are fictions, vir-
tually fabricated to form an excuse
for the expulsion from France of the
Russian nihilist leader. We were
told some time since that he was living
here in London, in some small house;

Fig. 1 – Carta de Kropotkin a Scott Keltie, RGS/CB7, Novembro 1892

A FONTE – CARTAS A JOHN SCOTT KELTIE

Nota sobre a transcrição e a tradução: coerentemente com os usos contemporâneos da edição de manuscritos, se transcreveram integralmente os textos originais em inglês, respeitando eventuais construções sintáticas aparentemente incorretas ou arcaicas, que vêm de autores que não eram anglófonos; de outro lado, a escrita das palavras, a pontuação e os itálicos nos títulos foram atualizados conforme os usos ortográficos atuais. As parênteses [...] indicam passagens ilegíveis ou excluídos porque julgamos redundantes.

A tradução para português foi realizada pelos autores.

RGS, IBG, Manuscripts, CB7 - E. Reclus to J. Scott Keltie

Bruxelles Ixelles, 38 rue de la Croix,

March 31, 1894

My dear sir

Some of my lectures will be print separately, then certainly I will send you others [that] will be kept for a volume and greatly modified. The book, of course, I will be happy to submit it to your kind appreciation.

Cordially yours

Élisée Reclus

27 rue du Lac, Ixelles-Bruxelles,

November 5, 1894

My dear sir,

As I read in a letter written to my friend Peter Kropotkin, you would kindly endeavour to submit my plan of an English geography to some publishers if I could without delay expose the general idea of my work and what is its character, its size, the amount of work clearly previewed to finish it.

I am not able yet to give such a definitive answer, as I want first to have settled past work with my former publishers. At the end of this month only will I be ready to enter with you into the details of my future book.

Thus I can say that my ground idea is to rise the common geography text book with boundaries, partitions, administration and such things, and show successively and with method for every part of the world and special country how soil, climate, and all surroundings have told on the development of history and how history itself has modified the primitive environment. *Comparative Geography and History* would seem to me the proper title of such a book. The number of volumes, I think, ought not to exceed those of four of the same size as my former ones. There would be no illustrations, but of course, various historical maps. The whole would end with general considerations on present and foreshadowed history.

As to the time necessary for the work, it would entirely depend on the publishers. If they furnish me the means to have the necessary staff, I can give them easily a volume a year, if no not, as I will write more slowly and perhaps leave an incomplete work.

Yours sincerely

Élisée Reclus

N.d. [Monday morning]

Mon cher ami,

Unfortunately I am leaving London today. My engagements [in] Amsterdam and Brussels prevent me to postpone my departure. I am very sorry for it, but I hope to be able to come back soon, and I will made my Benjamin [...] by taking his book with me and studying it with great care

Very faithfully

Élisée Reclus

Bruxelles, 5 juin 1894

Mon cher monsieur et ami,

Étant allégé pour le moment de la pénible besogne des conférences, et me trouvant en assez bonne santé relative, j'espère que j'aurai le plaisir cette semaine d'aller vous serrer la main et vous remercier personnellement

Bien cordialement à vous.

Élisée Reclus

RGS-IBG, Manuscripts, CB 7, P. Kropotkin to J. Scott Keltie

Thonon, 6 November 1882

My dear Keltie,

Enclosed a few notes for *Nature*.

Did you notice the campaign made in the press to expel me from France. They have tried first to mix me to the Montceau upraise. When it failed they have undertaken a campaign to prove that I am the soul of conspiracies (a stupid invention) at Paris. Now they say that I continually am going to Geneva. The fact is that I have not left Thonon for one hour. And the police knows it very well as they are every day in the street of our small town! What shameless!

You ask me if it is true that Reclus has handed over his daughters to their husbands without Church, or civil marriage. Of course, it is true. His daughters are very intellectual and ... girls who understand that the sanction of a *curé* or of a *maire* is not a guarantee for the happiness of marriage.

I think that the marriage is too holy a thing to be profaned by the admission of such breakers of the marriage's holiness as the *curés* and the *maires* are. If not absolutely necessary for some political reason, it never ought to be done. Marriage is a personal thing in which neither the Church nor the State have nothing to see.

The benediction of the *maire* or of the priest, is it a guarantee that the husband will be true to his wife? The facts show us the contrary. The prostitution is nowhere so immense as in the "legal" marriages: it has become an open scandal. If the marriage is not holy for wishes, will it be holier from the benedictions of the *maire*?

The single argument of some value produced is the inheritance of the children from their parents. But Reclus's daughters and their husbands are socialists. The father of one of them is rich, but the son has refused his richness and lives upon his own chemical analyst's labour. The other is *ingénieur* and lives upon his labour too. They have, and will have, no property to secure to their children.

I understand church marriage for religious people, but civil marriage is more hypocrite. The sooner down with it, the better.

With best wishes, my dear Keltie

Yours sincerely

P. Kropotkin

Lyon, Maison d'Arrêt

22 1 1883

My dear Keltie,

Heartily thanks for your two good letters. Both have reached me with a short delay of a few days, as they are passing under the eyes of a lady at Lyon, who has charitably taken the task of looking over the English letters I receive, instead of sending them to Paris where they had probably remained weeks in some ministry.

I could not answer you linearly, as during a fortnight we were confined in the worst imaginable conditions in small rooms, all fifty-three together. Now, I am again in my cell at the *Maison d'Arrêt*, and in a few days we shall be transported to any Central Prison.

What will be the conditions of detention there, I do not know. People say we shall be submitted to the same treatment as assassins and pick-pockets and keep in company with them. Not a brilliant prospective at any rate. But, if the jailers deal with us reasonably and do not provoke us with humiliations, with attempts on our persons, you know, dear old friend, that I support everything in the most philosophical way.

The chief question for me, at present, is to know if I shall be allowed, at least, during one part of the day, to pursue my scientific work. If so, I shall not neglect to supply *Nature* with useful information: in any case, please send me immediately, addressing still at the *Maison d'arrêt* de Lyon, the *Proceedings of the Russian Geographical Society* you mention in your letter, as well as any other Russian, Swedish or Danish periodical you have. I hope I shall be allowed to work as before. The trial has won for us so many sympathies among those who formerly knew us only by hearsay that I hope the treatment that shall be submitted will not be disgraceful.

The chief fears I entertain are for my wife. She is in a pitiful state. For 12 days she was staying on feet, in a suffocating heat, six hours each day, in the small space allowed for the public, filled up like a cash with herrings, all this only for exchanging with me a few words during the interruption of the sitting of the court. She is pale, worried and dreadfully thin and I

have serious fears for her health. And these fears are the worst in the loneliness of the cell. To find, after a 5 years' detention, only a body going to re-join her brother,¹ that is the worst dreadful idea that hunts me in my solitude, and, alas, it is only too near to reality. I care very little for myself. When I was undertaking perilous expeditions in Siberia, when I was searching a good captain to launch a yacht in search of unknown continents in the arctic regions, when I was travelling on the Amur in a boat swallowed by the water, I never thought about my life, a small unity in the universe. But I was not worried. I had not a wife whom I love so much, with all the attachment resulting from the community of ideas and [...] still more for common suffering. If I were alone, I should consider the detention merely as an Arctic travel undertaken for 3, 4, 5 years, and should act accordingly.

Yes, my old friend, your friendly [letter] stands out before anybody else, and I speak the more frankly as I know that this letter will not be read by my jailers, but by a lady, and a woman is also better than man.

You are asking about my health, it is bad indeed. [...] already has happened, gastralgia too, and the chest is not in order. But you know that all these are subjects in liberty, as well as in prison. I shall try to keep the best hygienic conditions, and physical work combined together with intellectual. And I believe very much in moral strength for preventing diseases.

You are always working hard, dear old friend, always exhausted by overwork? How are mistress Keltie and Lizzie? A full-grown miss with whom you are proud to walk on at holidays? My heartily well regards to both.

Write me from time to time, in the loneliness of detention I shall be twice as happy, to have words from you. Send me also the *Nature*. My wife will give you my address in any case.

It is time to finish this long letter. Be sure, dear old friend, that I shall never forget your friendly cares and from all my heart I shake your hand.

Yours heartily

P. Kropotkin

Lyon, *Maison d'Arrêt*

February 12, 1883

1 O irmão de Sophie morreu em Thonon no dia anterior a prisão de Kropotkin.

My dear Keltie,

I send you today by book-post the [manuscript] of a paper on the Geography of Caucasus, for *Nature*. Be not afraid of its length. The papers analysed are interacting throughout and the paper might be divided in ties. Moreover, I thought that once *Nature* has paid these attentions for the last two years, it will be able to follow the appearing publications of Caucasus by-and-by.

I am still in Lyon. My wife has addressed, more than a fortnight ago, a demand to the ministry for transferring me to Paris, where I would find the necessary materials for collaborating with Reclus for his volume on Asia Minor and Persia. But there is no answer at all. So she is gone yesterday to Paris, to try if she cannot make anything. In the mean time I am still confined to my cell, compelled to read or write throughout the day, until the head refuses to do it.

My health is not well. [...] I wait the time when I shall be in better conditions, for introducing some distractions in the prison life, by some manual work which is not allowed here.

Still, as health intermediates with disease, I write a little. If you have fresh numbers of the Russian *Izvestia* etc. please send them to me. Many thanks for the *Nature*. It is the sole periodical which passes through the walls of our prison.

Are you well, dear old friend? Always at literary hard-labour? Do you see my Russian friends from time to time? Many thanks for all you are making for me, and be sure, good friend, that I often think about you with the best feelings. My kindest regards to mistress Keltie and Lizzie.

Yours sincerely

P. Kropotkin

Lyon, *Maison d'Arrêt*

February 24, 1883

My dear Keltie,

I have received your letter yesterday, and fasten to answer it.

You were quite right to say that I have not collaborated to the volume of Reclus containing Italy. I could not help Reclus at that time as I was at St. Petersburg in the fortress. But, who are this people so anxious to make me responsible even for what I have not written?

The only volume for which I have collaborated with Reclus is the sixth volume, containing Caucasus, Turkestan, and Siberia; and even in this volume I have given the most attention to Caucasus (and partly to Turkestan), the Caucasus being the most difficult part, and I may say

that it has merited the highest compliments from Stebnitsky who certainly knows the Caucasus better than anybody else. The advancing time of publication did not allow me to give as much time to Siberia which still, I suppose, is as complete as the two other parts.

As to misstatements, I doubt that Reclus could have made gross errors with regard to so well-known a country as Italy. But it must not be forgotten that the volume was published in 1874, and that science advances every day.

Reclus gives the names of all his collaborators, however small their share, at the end of each of his volumes. He began to take a collaboration with Russia (Dragomanoff), me for the VIth volume, and Metchnikoff for the two following. For this volume he engaged me to help him with regard to the lands adjacent to Caucasus, as far as it will be possible from Paris, if I am transferred there.

Thank you, dear friend, for your third letter. Your French is not bad at all and if I had said you to write English it was for having more often letters from you, as I thought that perhaps you will not write because it is French to write. In any case, write in every language you like, is sure that your letters make me always the greatest pleasure.

I am just now finishing an answer to Lansdell's paper in the *Contemporary*. I regret the man, he is now completely in the hand of Russian officials and writes what they like. My answer, of course, will be of the most earnest manner, avoiding personalities.

Enclosed two notes for *Nature*.

With best wishes, believe my dear friend

Yours sincerely

P. Kropotkin

I should be much obliged to you if you put as much as you can of my notes etc. before the end of the quarter.

Lyon, *Maison d'Arrêt*

March 2 1883

My dear Keltie,

Enclosed two notes for *Nature*, of which I recommend to you attention that on Mendeleff. He continually discovers something good.

Another bunch of notes is sent by book-post, as well as a short paper on Physics in Russia during the last ten years, when the most interesting part is a list of the most important communications he has made during these 10 years, with the conclusions of them.

I still know nothing about the time when I shall be transferred to Paris. It seems to have been promised to my wife; but probably it will take a fortnight, or more, before the order is given and executed.

By the major time my wife is very anxious at Paris and she has all kinds of apprehension on account of this slowness. Fortunately enough she is staying with good friends: the family of Elie Reclus whom you know.

My health is rather satisfactory. I am feeble and cannot work much, but still I write a few hours each day, and that is already something.

How are you, dear friend? Very much tired as you advance through the winter?

Believe me, dear friend

Yours very sincerely

P. Kropotkin

I have received yesterday the volume of the *Chemical Society* which you have sent me.

Maison Centrale

Clairvaux (Aube)

April 3, 1883

My dear Keltie,

I am very sorry to learn from a letter of Hutt that you are not well. He writes of erysipelas. It must come from your always writing under air-currents of windows. I hope still it will not last for long and will not keep you back from your occupations for a long time. Mistress Keltie and Lizzie must be very afflicted of your illness; I regret not to be at London, I should come to spend with you some time and to try to render the reclusion less trying by telling you all kind of stories. Do not set at work too soon. You are overworked, and ought to take a good rest.

As to myself, my health, after a fortnight of enforced rest, is much better. In a few days I shall have a separate room to work therein, and I hope to undertake some larger work, namely a complete description of Finland, a young raising state. Some parts of it shall be written in

such way as to be published in English reviews, and the whole would make a book. Reclus strongly recommends to me to make a book on Finland.

My wife was here and has stayed for nine days. Saturday last she is returned to Paris. It would be impossible for her to stay throughout, as there is but a small village, and the poor would die from weakness to remain without any occupation, but to look about the walls of the prison. I have insisted on her return to Paris where she would also be more useful for me by finding out the necessary books, etc., not to speak of her continuing her studies.

My kindest regards, dear friend, to Mistress Keltie and to Lizzie and believe me

Yours sincerely

P. Kropokin

Hutt has sent me a Russian book (*Memoires of the Kharkoff Society*) and I write him today.

Clairvaux sur Aube

March 14, 1884

My dear Keltie,

Enclosed notes for *Nature*.

You will find also a note where I give a short idea of an important paper of Mendeleeff just appeared, and ask you if you will have a translation of it. Please reply.

My wife has come here. She has been compelled to leave her studies in Paris in order to take care of my health here. You know that all has remained as before. My wife sends you her kindest regards, to you and to Lizzie.

With heartily good wishes

Yours ever

P. Kropotkin

If you could continue to send the *Pictorial World* I should be much obliged to you

119 rue Monge

Chez Elie Reclus,

January 19, 1886

Dear Keltie,

Since yesterday night in Paris! Not expelled from France, in a week or two I shall be in London. Dreadfully tired by physical strain and mass of impressions, my wife not will. Still I wish send you a good *poignée de main* across the channel.

Sincerely yours

P. Kropotkin

We shall stay here for a week, I suppose.

SECOND PART

Harrow on the Hill

January 30, 1892

Dear Sir,

I feel extremely obliged to you for the step you took in asking my admissions to the fellowship of the Geographical Society. I [...] say that I always take the greatest interest in the Society's work and if I can in any way be useful in aiding in it, I shall always be delighted to do so.

Best thanks also for the facts you kindly communicate me. My intention is to write in a subsequent article about the numberless forms which mutual aid takes in our own times, even though the structure of our society appears to be entirely individualistic, I am now working upon, and your faith are the more welcome.

Believe me, dear Sir,

Yours very truly

P. Kropotkin

Harrow on the Hill

March 28, 1892

My dear Keltie,

Mr. Adrien Lefort, advocate à la *Court d'Appel* de Paris, came to see me twice at Harrow with a message from a Paris friend. I rendered him the visit at a London hotel. So the course of the conversation is turned out that he wanted to have from me an interview for the *Echo de Paris* upon the recent dynamite explosions at Paris.

I categorically refused to have any conversation upon the subject for the simple reason that I know about them absolutely nothing but what I saw in the English papers.

Mr. Lefort being extremely anxious to have nevertheless something about me in the *Echo de Paris*, he proposed to say something about my book *La Conquête du Pain*, which is to appear in Paris in a few days.

To this I agreed on the condition that he only reproduces what I should write doing myself. I know too well the little truthiness of newspapers' reports. So I set down and wrote myself the comment of *La Conquête du Pain* for this only, and in so far as Mr. Lefort has reproduced it correctly, I am responsible.

For the remainder, I have not seen the *Echo de Paris*, which Mr. Lefort has not sent to me, and care not to know what a reporter may have written to get up a sensational interview. It is right time slightly to ignore these miseries [...] of our century. So I always do.

Now, if you wish know my opinion upon the subject, it is this: [it must] follow day by day French political life as an outsider, to realize entirely the disgust (no other would render to fully) of all the life of the ruling classes which spreads in France.

The English papers give an idea of the revelation which follow each other, to show today that this Minister helps today a ill-famed house in company with an ill-famed woman (law agreements printed in full), tomorrow that this other seemingly honest person is involved into facts which pen refuses to repeat, and so on, and so on, and that all these adventurers enjoy of public respect, receive ambassadors, are taken [...] and so on every day.

Disgust with the whole of the present organization in the real characteristics of lies of the feeling which pervades France, and finds its expressions in the last explosions. You know me enough to understand what I [regret] when I read that a servant and a master have been killed by what was aimed to be revenge against a ferocious procurer. But those who have engaged this war certainly thought of the house in Zola's *Pot-Bouille*, and not of the other.²

And when a general feeling of disgust all round pervades Society, there always wish be all possible gradations in the manifestation of this disgust. Humanity is a wonderfully complex and multifarious being.

2 Referencia a uma das ações do pretendido “anarquista” Ravachol, que matou um velho proprietário junto com sua empregada domestica para roubar dinheiro na casa deles.

When disgust to such is extent, and despair of society to such an extent spread, be sure that the most cruel things will follow

Yours any truly

P. Kropotkin

Excuse the bad paper. I found no other at hand. The letter was written at Harrow, but was not posted and came here (Northern Crescent, Alfred Place, W.C) where I stay to finish my recent *Science*.

Viola, Crescent Road

Bromley Kent,

November 21, 1894

Dear Keltie,

Élisée Reclus has sent me, a fortnight or so ago, a copy of the letter he has addressed to you. Do you approve of his *Plan*? And so you think it wish find a good editor? In a letter, he writes that a point of chief importance for him would be to have the possibility of doing the work. With the Hachette, part of the royalty was send to him in advance, so such every month. This enabled him to have his staff of secretary and cartographer and to progress so rapidly as he did with the *Universal Geography*. Should that be possible with an English publisher?

What do you think of the General Plan? That such a work is wanted and that Reclus is the man to do it – is no doubt.

Yours very sincerely

P. Kropotkin

Thanks for the Russian books. I just finished my *Review Science*, shall add to them.

We spoke once about Obrucheff's map on Nan-shan. It is now out: a sketch map giving the positions and names of all the ridges, which covers a small octave page of the *Izvestia*.

With kind regards

Yours very sincerely

P. Kropotkin.

Viola, Crescent Road,

Bromley Kent,

January 29, 1896

[...]

When I was [in the] North, I made a run for 3-4 days to Edinburgh. Geddes has engaged Reclus's young secretary, Mr. Guyou, a very able man, with education [within] engineering work, to begin the relief of Scotland on a 1:100.000 scale, equal scale for heights. Thus, Mr. Guyou has derived a system for making it, the most current and cheapest. James Geikie, with whom I launched, was delighted of the scheme. What Geddes has not, of course, is money. I advise him to apply to the Newcastle Geogr. Soc., which seems to stay well. What do you think of the scheme? Could or not the Royal GS support it? I am not a great admirer of the equal scales' plan, but Geikie is quite enthusiast of it.

Viola, Bromley, Kent

27 April 1897

Dear Keltie,

[...] All the notes in *Nature* you have brought serve for the *Geographical Journal*; I saw them in proofs last month. All but one, about Sven Hevin who is sure to write you himself, as he used to do.

Semenoff's *Addenda* to Ritter's *Asia* – One volume, the first, appeared in 1854 and was translated in German (Amur). The others were very feebly abridged in *Petermann's Mitteilungen*, as they appeared, and the last ones in the *Geogr. J.* but a full translation, or even a full condensation (which even is more useful) of this remarkable work does not exist.

Yours sincerely

P. Kropotkin

Crockham Hill near Edenbridge, Kent

May 1, 1897

Dear Keltie,

I have the earlier volumes of Ritter's *Asia* and Semenoff's *Addenda* at your disposal. The work is:

X Vol. I (Amur) 1856 transl. + *Addenda* by Semenoff

Vol. II e III (Altai) 1857-9 Altai + Sayan, *Addenda* by Semenoff and Potanin

XX Vol. IV (East. Siberia) Vol. I Sayan, 1894

XXX *Addenda* by Semenoff

X XX and XXX are capital volumes embodying all never said, admirably written: geographical generalisation and details in Ritter's spirit.

I have moreover Semenoff's *Geographical and Statistical Dictionary* of the Russian Empire 1864-99, 5 vols from 700 to 900 pages.

This is a fundamental work, which lies as the basis of whatever have been written in all languages by who and over, about Russia. The articles Altai, Caucasus, Amur, Turkestan, Kirghiz, Steppes, Novaja Zemlia, Urals, etc. etc. and also Buryats, Zeurgerser, Kalmuki, Kirghizistan, Caucasian streams etc. have been copied, re-copied, abridged and re-abridged in every work on Russia, to say nothing of Meyer's *Brockcaucasus*, to the Nombres etc. etc. ... Hirschmann worked out further by and copied and recopied

Semenoff: *Fifty years History of the Russian Geographical History* in 9 vol. is a complete summary with admirable appreciation of all expeditions [...]

I have the Ritter's works X and XXX, and the *Geographical Dictionary*, and can write to a friend to send them to you, if you like.

Semenoff is a Russian functionary, ready to serve under liberal and reactionary rule alike and of course has a personal sympathy of mine, but scientifically, I think, your choice was not bad of course if [it] goes to a geographical writer, not to an explorer, or return to an expedition. I am here for a few days, trying to get rid of a bad coli and fever again.

Yours sincerely

P. Kropotkin

Viola, Crescent Road,

Bromley Kent,
February 4 1898

Dear Keltie,

Permit me to introduce to you a friend of mine and of Élisée Reclus, Monsieur Chiry. Monsieur Chiry is a mathematician, who works on the globe, and advocates the division of the circumference with 240 degrees (24 hours) which division is accept for the globe. He thinks it might be useful to make a communication upon this subject before the Geographical Society, and wants to speak to you about that.

Yours sincerely
P. Kropotkin

Viola, Bromley, Kent
July 20 1898

Dear Keltie,

While entering the enclosed proofs, I join the letter of Baron Toll which was with his paper. As it was to you, I did not read it, and only now discover that he asks if I could not translate his paper also with Russian. Tell him kindly that I would be delighted to translate such an admirable paper, so well written that the translation is a pleasure, and with conclusions that I so warmly endorse; but I am very busy, having to hurry up with the next instalment of my Memoirs.

Sincerely yours
P. Kropotkin

Viola, Crescent Road,
Bromley Kent,
May 12 1902

Dear Keltie,

Here is, at last, the plan of the *Orography of Asia*.

It consists, as you can see, of 5 parts:

1. Introductory remarks.
2. Orography of Siberia: This is a résumé of the Russian work of 1875, which E. Reclus reproduces now in French.

3. Orography of Asia. An application of the above to the whole continent. I thought to utilize for that my Orography from the *Chaucers' Encycl.* article "Asia". And so I did for the French edition. But now I have only rewritten the most important, Tibet and Mongolian portions of it.
4. Geology x Astany. Application to them of the above orographic scheme.
5. Analysis with America for illustrate the origins.

[...]

Yours very sincerely

P. Kropotkin

18 Holland Road

Home Brighton

April 6 1915

Dear old friend,

Your kind letter gave me an immense pleasure. In time of serious illness we feel nearer to old friends.

I am recovering nicely after this first operation, but although it was 3 weeks ago, I am still in bed, and there is a second operation to be made. I am now in a nursing home, very well taken care of, and my wife visits me twice a day.

How are you yourself, dear friends. Tell me about you.

Always yours sincerely

P. Kropotkin.

April 10 1917

9, Chesham Street, Brighton

My dear Keltie,

Of course I shall not leave England without trying to see my old friends. We intend to stay a week in London before leaving. But when, it cannot yet be settled, so long as there is no regular communication between England and Norway. Besides, my thought is very seriously to risk the long semi-arctic voyage (via Torneå)

s.d. s.l.

Surely there is scarcely another science which might be rendered as attractive for the child as geography and as helpful as instrument for the general development of the mind, for familiarizing the teacher with the true method of scientific reasoning, and for valuing the taste for Natural Science altogether. Children are not great admirers of nature as long as this has nothing to do with man. The child seems to be interested for man, for his struggles against obstacles, for his security. Only man's struggles against the hostile forces of the nature would surely be a better chance for inspiring in a child the desire to penetrate into the secrets of these forces.

RGS-IBG, Manuscritos, CB7 – Cartas de E. Reclus a J. Scott Keltie

Bruxelles Ixelles, 38 rue de la Croix, 31 de Março de 1894

Prezado senhor,

Algumas de minhas palestras serão impressas separadamente, e sem dúvida vou lhe enviar as outras que serão organizadas num volume com muitas modificações. Certamente, eu ficaria feliz de submeter o livro para sua gentil apreciação.

Cordialmente

Élisée Reclus

27 rue du Lac, Ixelles-Bruxelles, 5 de Novembro de 1894

Prezado senhor,

Eu sei por uma carta enviada a meu amigo Pêtr Kropotkin que você gentilmente se esforçará para submeter o meu plano de uma geografia em inglês a alguns editores, se eu pudesse expor rapidamente a ideia geral de meu trabalho e qual é o seu caráter, tamanho, a quantidade de trabalho prevista com clareza para finalizar-lo.

Ainda não posso dar tal resposta definitiva, já que queria acabar antes o trabalho passado com o meu editor anterior. No final deste mês eu estarei pronto para abordar com você os detalhes de meu futuro livro.

Só posso dizer que minha ideia base é de elevar a ideia geral de um livro de geografia, com fronteiras, partições, administração e coisas assim, e expor progressivamente e com método, sobre cada parte do mundo, como o solo, o clima e todo o contexto influenciaram o desenvolvimento da história e como a história, ela mesma, modificou o meio primitivo.

Geografia e História Comparativa me pareceria o melhor título para este livro. Acho que o número dos volumes não deveria exceder o de quatro nas mesmas dimensões de meus volumes precedentes. Não teria ilustrações, mas, naturalmente, vários mapas históricos. A obra terminaria com considerações gerais sobre a história presente e passada.

Quanto ao tempo necessário para o trabalho, dependerá completamente dos editores. Se eles me fornecem todos os meios para ter o pessoal necessário, eu poderia tranquilamente lhes entregar um volume por ano; senão, escreverei mais lentamente e talvez deixarei o trabalho incompleto.

Cordialmente

Élisée Reclus

Sem data [Segunda-feira, manhã]

Mon cher ami,

Infelizmente, eu estou deixando Londres hoje. Meus compromissos em Amsterdã e Bruxelas me impedem de adiar minha partida. Sinto muito por isso, mas espero poder retornar em breve, e vou fazer o meu Benjamin [...] pegando o seu livro e estudando-o com muita atenção.

Um forte abraço

Élisée Reclus

Bruxelas 5 de Junho de 1894

Meu caro amigo,

Estando aliviado no momento do pesado dever das palestras, e já que encontro-me relativamente em boa saúde, espero que terei o prazer de passar esta semana para lhe cumprimentar e agradecer-lhe pessoalmente.

Cordialmente

Élisée Reclus

RGS-IBG, Manuscritos, CB 7, P. Kropotkin a J. Scott Keltie

Thonon 6 de Novembro de 1882

Meu caro Keltie,

Lhe envio algumas notas para *Nature*.

Você notou a campanha feita pela imprensa para me expulsar da França? Primeiro, eles tentaram de me vincular a revolta de Montceau. Quando isso fracassou, eles começaram uma campanha para demonstrar que eu era a alma da conspiração em Paris (uma estúpida invenção). Agora eles dizem que eu vou continuamente a Genebra. O fato é que eu não saí de Thonon nem por uma hora! E a polícia sabe muito bem disso, porque eles ficam todos os dias na rua de nossa aldeia. Que vergonha!

Você me perguntou se é verdade que Reclus cedeu suas filhas como esposas aos maridos sem igreja ou casamento civil. Com certeza, isso é verdade. Suas filhas são muito intelectuais, e moças que entendem que a sanção de um padre ou de um prefeito não são a garantia para a felicidade do casamento. Eu acho que o casamento é uma coisa muito sagrada para ser profanada por estes quebradores da santidade do casamento como os padres e os prefeitos. Se não for absolutamente necessário por alguma razão política, isso nunca deveria ser feito. O casamento é uma coisa pessoal na qual nem a Igreja nem o Estado tem nada a ver.

A benção do prefeito ou do padre, é uma garantia que o marido será fiel a sua mulher? Os fatos demonstram o contrário. A prostituição é em toda parte tão imensa quanto os casamentos legais: tornou-se num escândalo aberto. Se o casamento não é sacro pela vontade, deveria sê-lo pela benção do prefeito?

O único argumento de algum valor produzido é a herança dos pais para as crianças. Mas as filhas de Reclus e os maridos delas são socialistas. O pai de um deles é rico, mas ele recusou a sua riqueza e vive de seu próprio trabalho de analista químico. O outro é engenheiro e vive também de seu trabalho. Eles não têm e não terão propriedade nenhuma para assegurar aos filhos.

Eu compreendo o casamento na Igreja para pessoas religiosas, mas o casamento civil é mais hipócrita. Quanto antes acabarem, melhor.

Minhas melhores saudações, meu caro Keltie.

Um abraço

P. Kropotkin

Lyon, *Maison d'Arrêt*

22 de Janeiro de 1883

Meu caro Keltie,

Agradeço de todo o coração as suas duas cartas gentis. Ambas chegaram a mim com poucos dias de diferença, porque foram inspecionadas por uma senhora em Lyon, que caridosamente pegou a tarefa de verificar as cartas em inglês que eu recebo, em vez de enviar-lhes a Paris, onde provavelmente ficariam semanas em algum ministério.

Eu não pude responder regularmente, porque durante quinze dias fomos confinados nas piores condições imagináveis, em pequenos quartos, todos cinquenta e três. Agora, estou de volta na minha célula na *Maison d'Arrêt*, e em poucos dias vamos ser transportados para alguma prisão central.

Quais serão as condições de detenção lá, eu não sei. O pessoal diz que teremos o mesmo tratamento que ladrões e assassinos e ficaremos em companhia deles. Não é uma perspectiva brilhante, de nenhuma maneira. Mas se os carcereiros nos tratam de modo razoável e não nos provocam com humilhações, com ataques as nossas pessoas, você sabe, caro velho amigo, que eu suporto tudo da maneira mais filosófica.

A questão principal para mim, agora, é saber se serei permitido, ao menos durante uma parte do dia, continuar meu trabalho científico. Neste caso, eu não esqueceria de contribuir para *Nature* com informações úteis; em todo caso, por favor, me envie imediatamente, ainda na Maison d'arrêt de Lyon, os *Proceedings of the Russian Geographical Society* que você cita na sua carta, bem como qualquer outra revista russa, dinamarquesa ou sueca que você tenha. Espero que me permitam trabalhar como antes. O julgamento fez com que conquistássemos tantos simpatizantes entre os que antes nos conheciam somente por ouvir falar, que eu espero que o tratamento a que seremos submetidos não será infame.

Minhas preocupações principais são pela minha mulher. Ela está num estado lamentável. Por 12 dias ela ficou em pé, num calor sufocante, seis horas cada dia, em um pequeno espaço disponível para o público, entuchados como peixes em uma caixa, e tudo isso só para trocar comigo poucas palavras durante a interrupção da sentada da Corte. Ela está pálida, preocupada e espantosamente magra, e eu tenho sérias preocupações com a saúde dela. E estes medos são o pior na solidão da célula. Encontrar, depois 5 anos de prisão, só um corpo pronto para reunir-se ao irmão dela, essa é a ideia mais espantosa que me persegue na minha solidão, e, aí, ela está demasiadamente perto da realidade. Eu tenho cuidado de mim mesmo. Quando estava começando perigosas expedições na Sibéria, quando estava procurando um bom capitão para lançar um barco em busca de continentes desconhecidos nas regiões árticas, quando estava viajando no Amur num barco engolido pela água, eu nunca pensei sobre a

minha vida, uma pequena unidade no universo. Mas não estava preocupado: não tinha uma mulher que eu amo tanto e com o apego que temos as ideias e ainda mais pelo sofrimento comum. Se eu fosse solteiro, consideraria a detenção só como uma viagem ártica feita por 3, 4, 5 anos, e agiria de acordo com isso.

Sim, meu velho amigo, suas amigáveis [cartas] são o melhor de tudo, e eu falo ainda mais francamente já que sei que esta carta não será lida por meus carcereiros, mas por uma senhora, e uma mulher é também melhor que um homem.

Você me pergunta sobre minha saúde, ela continua ruim. [...] já se manifestou, gastralgia também, e o peito não está bem. Mas você sabe que esses problemas existem em liberdade como na prisão. Eu devo tentar manter as melhores condições de higiene, combinando o trabalho físico com o trabalho intelectual. E eu acredito muito na força moral para prevenir doenças.

Você está sempre trabalhando muito, caro amigo, sempre esgotado pelo excesso de trabalho? Como vão a senhora Keltie e Lizzie? Uma grande senhorita com a qual você fica orgulhoso de passear durante as férias? Minhas lembranças de coração a ambas.

Me escreva de vez em quando, na solidão da detenção eu ficarei duplamente feliz de ter palavras suas. Me envie também *Nature*. Minha mulher lhe dará o meu endereço de toda maneira.

É tempo de terminar esta longa carta. Fique seguro, caro velho amigo, que eu não esquecerei nunca os seus cuidados amigáveis e de todo o coração eu aperto a sua mão.

Um abraço

P. Kropotkin

Lyon, *Maison d'Arrêt*

12 de Fevereiro de 1883

Meu caro Keltie,

Eu lhe enviei hoje pelos correios um artigo sobre a Geografia do Cáucaso, para *Nature*. Não se espante com o tamanho. Os artigos analisados dialogam a través de todo o texto e o artigo pode ser dividido em partes. Além disso, acho que, uma vez que *Nature* tem se interessado nos últimos dois, poderá seguir com as publicações sobre o Cáucaso pouco a pouco.

Ainda estou em Lyon. Minha mulher enviou, mais de quinze dias atrás, um pedido ao ministério para transferir-me para Paris, onde eu encontraria os materiais necessários para

colaborar com Reclus para seu volume sobre Ásia menor e Pérsia. Mas não houve nenhuma resposta. Então ela foi ontem a Paris para ver se não poderia fazer algo. No meio tempo, eu permaneço confinado na minha célula, forçado de ler ou escrever ao longo do dia, até que a cabeça se recuse a fazer isso.

Minha saúde não vai muito bem [...] Estou esperando o momento em que estarei em melhores condições, para introduzir algumas pequenas distrações na vida da prisão, através de alguns trabalhos manuais que não são permitidos aqui.

Já que a saúde alterna-se com a doença, tenho escrito pouco. Se você tiver números recentes da *Izvestija* russa, por favor envie-os para mim. Agradeço muito pelo envio da *Nature*, é o único periódico que passa através os muros dessa prisão.

Você está bem, caro velho amigo? Sempre em seu duro trabalho de escrita? Você tem visto meus amigos russos de tempos em tempos? Agradeço muitíssimo todo o que está fazendo para mim, e fique seguro, bom amigo, que eu sempre penso em você com os melhores sentimentos. Minhas lembranças mais gentis as senhoras Keltie e Lizzie.

Um abraço

P. Kropotkin

Lyon, *Maison d'Arrêt*

24 de Fevereiro de 1883

Meu caro Keltie,

Recebi ontem a sua carta, e me apresso em responder.

Você teve razão dizendo que eu não colaborei com o volume de Reclus que inclui a Itália. Eu não podia ajudar Reclus, naquela época eu estava na fortaleza de São Petersburgo. Mas quem são estas pessoas assim tão ansiosas que querem me fazer responsável por aquilo que eu não escrevi?

O único volume que colaborei com Reclus foi o sexto, que inclui o Cáucaso, o Turquestão e a Sibéria; e mesmo neste volume eu dei mais atenção ao Cáucaso (e em parte ao Turquestão), já que o Cáucaso era a parte mais difícil, e posso dizer que esta parte possui o mérito de ser parabenizada pelo Stebnitsky, que certamente conhece o Cáucaso melhor que qualquer outra pessoa. Os prazos para a publicação não me permitiram consagrar muito tempo à Sibéria, que, eu suponho, estar tão completa quanto as outras duas partes.

Sobre as acusações, eu não acho que Reclus possa ter feito grandes erros sobre um país tão bem conhecido como a Itália. Mas não podemos esquecer que o volume foi publicado em 1875, e que a ciência avança todos os dias.

Reclus dá os nomes de seus colaboradores, mesmo aos pouco conhecidos, no fim de cada um de seus volumes. Ele começou por ter uma colaboração para Rússia (Dragomanoff), minha para o sexto volume, e de Metchnikoff para os dois sucessivos. Para este volume ele me envolveu para ajudá-lo sobre as terras perto do Cáucaso, ou o que poderá ser possível de Paris, se eu for transferido para lá.

Obrigado, meu caro amigo, pela sua terceira carta. Seu francês não é nada mal, e se eu lhe disse para escrever inglês é para ter mais cartas suas, já que eu pensei que talvez você não escreveria se tivesse que fazê-lo em francês. De toda maneira, escreva na língua que quiser, suas cartas são sempre o maior prazer.

Eu estou agora terminando uma resposta ao artigo de Lansdell na *Contemporary*. Eu tenho compaixão do homem, que é completamente submetido aos oficiais russos e escreve o que eles querem. Então minha resposta será feita de maneira mais gentil, evitando personalismos.

Anexo duas notas para *Nature*.

Com as minhas melhores saudações, meu caro amigo.

Um abraço

P. Kropotkin

Eu ficaria muito agradecido se você publicasse o máximo possível de minhas notas antes do fim deste número.

Lyon, *Maison d'Arrêt*

2 de Março de 1883

Meu caro Keltie,

Anexo duas notas para *Nature*, onde eu lhe recomendo aquela sobre Mendeleff. Ele sempre descobre algo de bom.

Um outro pacote de notas foi enviado por correio, com uma pequena nota sobre a física na Rússia durante os últimos dez anos, onde a parte mais interessante é uma lista das apresentações mais interessantes que ele fez durante esses 10 anos, com as conclusões delas.

Eu ainda não sei nada da data em que serei transferido para Paris. Parece que isso foi prometido a minha mulher; mas provavelmente precisará uns quinze dias, ou mais, para que a ordem seja dada e executada.

A maior parte do tempo minha mulher fica em Paris e está muito ansiosa, e tem todo tipo de preocupação com a lentidão. Felizmente, ela está com bons amigos: a família de Élie Reclus, que você conhece.

Minha saúde vai bastante bem. Estou fraco e não posso trabalhar, mas ainda consigo escrever algumas horas por dia, e isso é já algo.

E como vai você, meu caro amigo? Muito cansado a medida que você avança através do inverno?

Acredite em mim, seu sincero amigo

Um abraço

P. Kropotkin.

Recebi ontem o volume da *Chemical Society* que você me enviou.

Maison Centrale

Clairvaux (Aube)

3 de Abril de 1883

Meu caro Keltie,

Sinto muito de saber por uma carta de Hutt que você não está muito bem. Ele falou de erisipela. Isso deve ter ocorrido pelo fato de você escrever sob as correntes de ar que vem da janela. Espero que isso não dure muito e que você possa voltar a dedicar muito tempo a suas ocupações. A senhora Keltie e Lizzie devem ter ficado muito aflitas com sua doença; sinto de não estar em Londres, eu teria indo para passar um tempo com você e tentaria tornar a reclusão menos dura contando-lhe todo tipo de histórias. Não volte demasiado cedo ao trabalho. Você está sobrecarregado, e tem que descansar bem.

Quanto a mim, minha saúde, depois de quinze dias de descanso forçado, está muito melhor. Em poucos dias devo ter um quarto separado para trabalhar, e espero começar algum trabalho mais importante, como uma descrição completa da Finlândia, um jovem estado nascente. Algumas partes dela serão escritas de maneira que possam ser publicadas em revistas inglesas, e o conjunto será um livro. Reclus me recomenda calorosamente fazer um livro sobre a Finlândia.

Minha mulher esteve aqui e ficou nove dias. Sábado passado ela voltou para Paris. Seria impossível para ela ficar mais, porque é uma pequena aldeia, e a pobre morreria de fraqueza se ficasse sem uma ocupação, apenas olhando os muros da prisão. Eu insisti para que retornasse a Paris, onde ela seria mais útil para mim pesquisando os livros necessários, etc. Para não falar da continuidade dos estudos dela.

Minhas saudações mais cordiais, meu caro amigo, à senhora Keltie e a Lizzie

Um abraço

Seu P. Kropotkin

Hutt me enviou um livro russo (*Memorias da Sociedade de Kharkhoff*) e vou agradecer-lhe hoje

Clairvaux sur Aube

14 de Março de 1884

Meu caro Keltie,

No envelope [há] notas para *Nature*.

Você encontrará também uma nota onde comento brevemente um importante artigo de Mendeleef recém publicado, e lhe pergunto se você terá uma tradução deste. Por favor responda.

Minha mulher veio aqui. Ela quis deixar seus estudos em Paris para ocupar-se de minha saúde aqui. Você sabe que tudo ficou como antes. Minha mulher lhe envia suas melhores saudações, a você e a Lizzie.

Com saudações de coração.

Seu sempre

P. Kropotkin

Se você pudesse continuar a enviar *The Pictorial World* eu ficaria muito agradecido

119 rue Monge

Casa de Élie Reclus, 19 de Janeiro de 1886

Caro Keltie,

Desde ontem a noite estou em Paris! Não fui expulso da França, em uma semana ou duas devo estar em Londres! Mortalmente cansada pela fadiga física e pela quantidade de emoções, minha mulher não irá. Por hora lhe envio um bom *poignée de main* (*aperto de mão*) por além do Canal.

Um abraço

P. Kropotkin

Nós devemos permanecer aqui por uma semana, eu suponho.

SEGUNDA PARTE

Harrow on the Hill

30 de Janeiro de 1892

Caro senhor,

Fico muito agradecido por sua iniciativa de perguntar sobre minha admissão na *Geographical Society*. Posso dizer que eu sempre tive um grande interesse nos trabalhos da Sociedade e se eu pudesse de alguma maneira ajudá-la, ficaria sempre encantado disso.

Muito obrigado também pelas novidades que você tão gentilmente me conta. Minha intenção é de escrever um artigo sobre as formas inumeráveis que o apoio mútuo assume em nossos tempos, mesmo que a estrutura de nossa sociedade pareça completamente individualista, é sobre o que estou atualmente trabalhando, e sua confiança é muito bem vinda.

Sempre seu sinceramente

P. Kropotkin

Harrow on the Hill

28 de Março de 1892

Meu caro Keltie,

O senhor Adrien Lefort, advogado na *Cour d'Appel* de Paris, veio me visitar duas vezes em Harrow com uma mensagem de um amigo de Paris. Eu lhe rendi uma visita num hotel de Londres. Então a conversa mudou de rumo e ele queria obter de mim uma entrevista para o *Echo de Paris* sobre as recentes explosões de dinamite em Paris.

Eu recusei categoricamente ter qualquer conversação sobre o assunto, pelo simples fato de que eu não sei absolutamente nada além do que eu vi nos jornais ingleses.

Estando o senhor Lefort muito ansioso de ter alguma coisa sobre mim no *Echo de Paris*, ele propôs dizer algo sobre meu livro *A conquista do Pão*, que vai ser publicado em Paris em poucos dias.

Isso eu aceitei sob a condição de que ele reproduza o que eu mesmo vou escrever. Conheço muito bem a pouca sinceridade dos relatos jornalísticos. Então eu sentei e escrevi eu mesmo o comentário da *Conquista do Pão*, só para isso, e na medida em que o senhor Lefort reproduza isso corretamente, eu sou o responsável.

De resto, eu não vi o *Echo de Paris*, que o senhor Lefort não me enviou, e não me interessa saber o que um repórter pode ter escrito para obter uma entrevista sensacional. É tempo de ignorar estas misérias [...] de nosso século. Então eu sempre o faço.

Agora, se você quer conhecer minha opinião sobre o assunto, é esta: temos que seguir dia a dia a vida política da França como um estrangeiro, para compreender completamente o desgosto (nenhuma outra palavra seria melhor) de toda a vida que a classe dirigente conduz na França.

Os jornais ingleses dão uma ideia das revelações que se sucedem, para demonstrar hoje que este Ministro ajuda uma firma de má reputação em companhia de uma mulher de má reputação (acordos legais impressos na íntegra), amanhã o outro que parecia uma pessoa honesta estará envolvido em fatos que a caneta se recusa a repetir, e assim por diante, e assim por diante, e todos esses aventureiros gozam do respeito público, recebem embaixadores, são recebidos [...] e isso todos os dias.

O desgosto com toda presente organização social é a característica real que está por baixo de todo o sentimento que penetra a França, e que encontra sua expressão nas últimas explosões. Você me conhece o suficiente para compreender que eu lamento quando leio que uma empregada e seu dono foram assassinados por uma ação que tinha a intenção de se vingar contra um furioso cafetão. Mas os que se engajaram nesta guerra pensavam certamente na casa do *Pot-bouille* de Zola, e não na outra.

E quando um sentimento geral de desgosto permeia a sociedade, há sempre o desejo de todas as gradações na manifestação deste desgosto. A humanidade é um ser maravilhosamente complexo e múltiplo.

Quando o desgosto é tão extenso, e a desigualdade social é tão extensa, é certo que as coisas piores vão acontecer.

Sempre seu, sinceramente

P. Kropotkin

Desculpe o papel ruim, não encontrei outro disponível. A carta foi escrita em Harrow, mas não foi enviada e chegou aqui (Northern Crescent, Alfred Place, W.C.) onde estou ficando para terminar minhas recentes pesquisas para *Science*.

Viola, Crescent Road

Bromley Kent,

21 de Novembro de 1894

Meu caro Keltie,

Élisée Reclus me enviou, mais ou menos uns quinze dias atrás, uma copia da carta que ele lhe escreveu. Você aprova o plano dele? E você acha que ele vai encontrar um bom editor? Numa carta, ele me escreveu que um ponto fundamental para ele seria de poder realizar o trabalho. Com a Hachette, uma parte do pagamento lhe foi enviado como adiantamento, isso a cada mês. Isso permitiu a ele ter um secretário e um cartógrafo e progredir tão rapidamente como ele fez com a *Nova Geografia Universal*. Isso seria possível com um editor inglês?

O que você acha do plano geral? Que este trabalho é necessário e que Reclus é a pessoa para fazê-lo, não há dúvida!

Um abraço

P. Kropotkin

Obrigado pelos livros russos. Justo agora terminei minha resenha para *Science*, vou acrescentá-los.

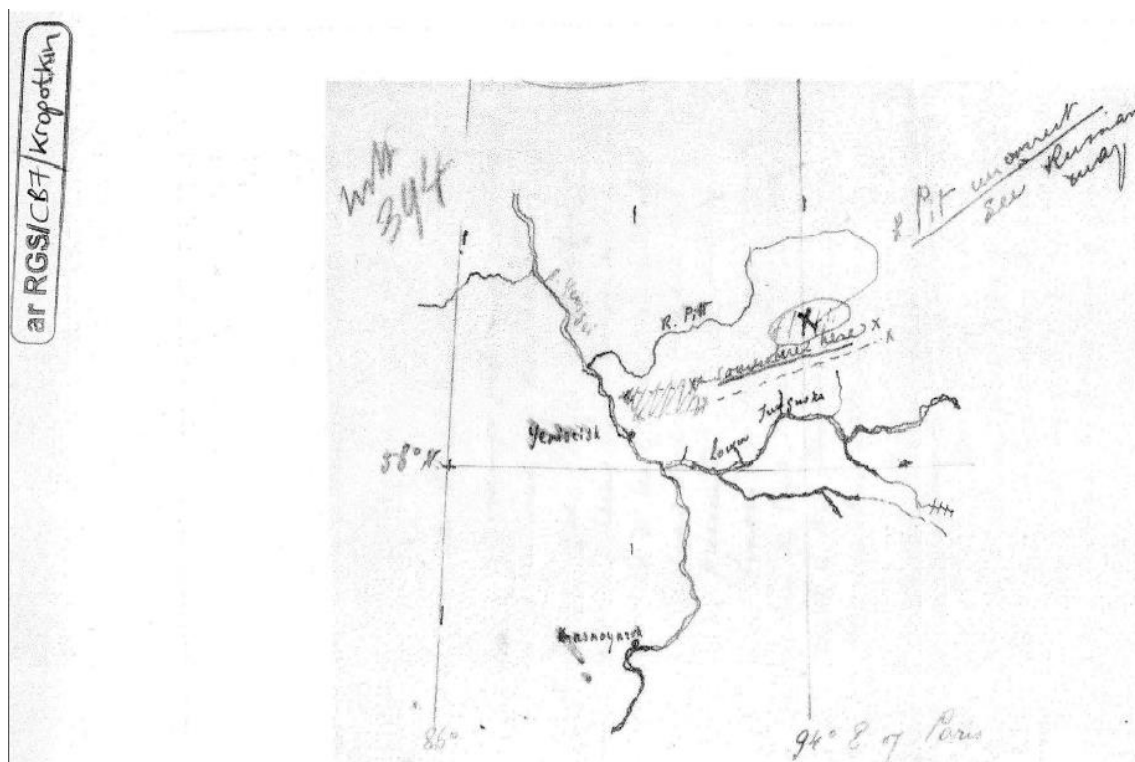


Fig. 3. Viola, Bromley, Kent, carta do 27 Abril 1899, Mapa da bacia do rio Ienissei (Sibéria) esboçado por Kropotkin

Viola, Crescent Road,

Bromley Kent,

2 de Julho de 1895

Meu caro Keltie,

Muitos trabalhos geográficos chegados da Rússia se acumularam ultimamente em nossas mãos, e acho necessário, especialmente para o próximo Congresso, analisá-los rapidamente para o *Journal*. Os geógrafos russos poderiam pensar que os trabalhos deles são voluntariamente ignorados, enquanto que na realidade eles têm tanto valor científico que seria uma pena citá-los de modo tão breve. Ainda seria melhor citá-los todos brevemente que de deixar que passem sem mencioná-los.

Eu escrevi uma nota anexada, que poderá tomar duas páginas, mas ao menos será uma resenha interessante, e dará uma indicação completa às pessoas, na Inglaterra, que estão interessada nesta parte ou naquela parte das explorações russas.

Nós conversamos uma vez sobre o mapa de Obrucheff no Nan-shan. Agora apareceu: um esboço de mapa que mostra as posições e os nomes de todos os [rios], que ocupa uma pequena oitava parte de página na *Isvestia*.

Com minhas melhores saudações

Um abraço

P. Kropotkin

Viola, Crescent Road,

Bromley Kent,

29 de Janeiro de 1896

[...]

Quando fui ao Norte, passei brevemente, 3-4 dias, em Edimburgo. Geddes contratou o jovem secretário de Reclus, o senhor Guyou, uma pessoa muito capaz, formado em engenharia, para começar o relevo da Escócia na escala de 1/100.000, escala igual para alturas. Então o senhor Guyou adotou um sistema para realizá-lo, o mais corrente e econômico. James Geikie, com o qual eu almocei, ficou encantado pelo esquema. O que falta a Geddes, no entanto, é o dinheiro. Eu lhe aconselhei de pedir à Sociedade Geográfica de Newcastle, que parece estar bem. Que acha você do esquema? A RGS poderia apoiá-lo? Eu não sou um grande admirador dos relevos de mesma escala, mas Geikie está bastante entusiasmado com isso.

Viola, Bromley, Kent

27 de Abril de 1897

Meu caro Keltie,

[...] Todas as notas da *Nature* que você trouxe servem para o *Geographical Journal*; eu as vi em provas no mês passado. Todas excluindo uma, sobre Sven Hevin que sem dúvida vai lhe escrever diretamente, como sempre faz.

Os *Addenda* de Semenoff à *Asia* de Ritter: um volume, o primeiro, apareceu em 1854 e foi traduzido para alemão (Amur). Os outros foram um pouco sintetizados no *Petermann Mitteilungen* conforme eles apareceram, e os últimos no *Geographical Journal*, mas uma

tradução completa ou uma compilação completa (o que seria eventualmente mais útil) deste trabalho notável não existe.

Um abraço

Crockham Hill

Perto de Edenbridge, Kent

1 de Maio de 1897

Meu caro Keltie,

Tenho os primeiros volumes da *Asia* de Ritter e os *Addenda* de Semenoff a sua disposição. O trabalho é:

X Vol. I (Amur) 1856 tradução + *Addenda* de Semenoff

Vol. II e III (Altai) 1857-9 Altai + Sayan, *Addenda* de Semenoff e Potanin

XX Vol. IV (Leste Sibéria) Vol. I, Sayan, 1894

XXX *Addenda* de Semenoff

X XX e XXX são volumes capitais, encorporando o que nunca foi dito, escritos admiravelmente. Generalização geográfica e detalhes no espírito de Ritter.

Ademais, tenho o *Dicionário Geográfico e Estadístico do Império Russo* de Semenoff, 1864-99, 5 volumes de 700 até 900 páginas. Este é um trabalho fundamental, que é a base de qualquer coisa foi escrita em todas línguas, por todos autores e mais, sobre Rússia. Os artigos Altai, Cáucaso, Amur, Turquestão, Kirghiz, Estepes, Novaja Zemlia, Urais, etc. etc. E também Buryats, Zeurgerser, Kalmuki, Kirghizistan, rios do Cáucaso etc., foram copiados, recopiados, resumidos e re-resumidos em todos os trabalho sobre Rússia, para não falar de *Brockcaucasus* de Meyer [também] Hirschmann trabalhou longamente, copiou e recopiou.

Semenoff: *Cinquenta Anos da História Geográfica Russa* em 9 volumes é uma resenha completa de precisão admirável de todas as expedições [...] Tenho os trabalhos X e XXX de Ritter, e o *Dicionário Geográfico*, e posso escrever a um amigo para enviá-los para você, se você quiser.

Semenoff é um funcionário russo, pronto para servir indiferentemente a regras liberais ou reacionários, e no entanto tem uma simpatia pessoal por mim, mas cientificamente, eu acho, sua escolha foi boa se naturalmente ela é por um escritor de geografia, não um explorador, ou por uma expedição. Estou aqui por alguns dias, tentando me livrar uma cólica incomoda e de uma febre, outra vez.

Um abraço
P. Kropotkin.

Viola, Crescent Road,
Bromley Kent,
4 de Fevereiro de 1898
Caro Keltie,

Me permita de apresentar-lhe um amigo meu e de Élisée Reclus, o senhor Chiry. O senhor Chiry é um matemático, que trabalha sobre o globo, e defende a divisão da circunferência em 240 graus (24 horas) para que seja aceita para o globo. Ele acredita que seja útil fazer uma apresentação sobre este assunto na *Royal Geographical Society*, e queria falar disso com você.

Um abraço
P. Kropotkin

Viola, Bromley, Kent
20 de Julho de 1898
Caro Keltie,

Enquanto envio as provas anexas, acrescento a carta do Barão Toll que chegou junto ao artigo dele. Já que era para você, eu não a li, e só agora descubro que me pede se posso traduzir o seu artigo também para o russo. Diga-lhe, por favor, que eu ficaria encantado em traduzir um artigo tão admirável, tão bem escrito que a tradução é um prazer, e com conclusões que eu partilho tão entusiasticamente; mas estou muito ocupado, já que tenho que apressar-me para a próxima edição de minhas *Memórias*.

Um abraço
P. Kropotkin

Viola, Crescent Road,
Bromley Kent,
12 de Maio de 1902
Caro Keltie,

Eis aqui, finalmente, o plano para a *Orografia da Asia*.
Como pode ver, consiste em cinco partes:

1. Notas introdutivas.
2. *Orografia da Sibéria*: isso é um resumo do trabalho de 1875 em russo, que Élisée Reclus agora publica em francês.
3. *Orografia da Ásia*: uma aplicação do mesmo a todo o continente. Eu pensei em utilizar para isso minha *Orografia da Chaucer Encyclopedia*, artigo “Ásia”. É o que eu fiz para a edição francesa. Mas agora eu somente reescrevi o mais importante, as partes sobre Tibete e Mongólia.
4. Geologia por Astana. Sua aplicação ao esquema orográfico acima.
5. Análises comparativa com América para ilustrar as origines.

[...]

P. Kropotkin

18 Holland Road

Home Brighton

6 de Abril de 1915

Meu caro velho amigo,

Sua carta gentil me dá um imenso prazer. Em tempos de doenças severas nos sentimos mais próximos dos velhos amigos.

Estou me recuperando bem depois desta primeira operação, mas mesmo ela tendo sido a 3 semanas, ainda fico de cama, e ainda há uma segunda cirurgia a ser feita. Agora estou em um hospital, sendo muito bem cuidado, e minha mulher me visita duas vezes por dia.

Como vão com vocês, queridos amigos? Me fale de você.

Sempre seu

P. Kropotkin.

10 de Abril de 1917

Meu caro Keltie,

Certamente não deixarei a Inglaterra sem tentar ver meus velhos amigos. Pensamos em ficar uma semana em Londres antes de partir. Mas quando ainda não é possível dizer, enquanto que não há uma comunicação regular entre a Inglaterra e a Noruega. Aliás, estou pensando seriamente em riscar a longa viagem semi-ártica (via Torneå)

s.d. s.l.

Sem dúvida não há uma outra ciência que possa ser tornada tão atrativa para a criança como a geografia, como instrumento útil para o desenvolvimento geral da sua mente, para familiarizar o professor com os verdadeiros métodos da reflexão científica, e para valorizar ao mesmo tempo o gosto pelas ciências naturais. As crianças não são grandes admiradoras da natureza se essa não tem nada a ver com a humanidade. A criança parece se interessar pelo homem e por suas lutas contra obstáculos e por sua segurança. Só as lutas humanas contra forças naturais hostis seriam, sem dúvida, uma boa ocasião para inspirar em uma criança o desejo de penetrar nos segredos destas forças.